CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA PARA LEIGOS

LEITURA COMPLEMENTAR

AULA 11

FILOSOFIA MODERNA II

Pe. Daniel Antonio de Carvalho Ribeiro, scj

8. O IDEALISMO COMO SOLUÇÃO ENTRE RACIONALISMO E EMPIRISMO

O idealismo filosófico, que ganhou destaque na Idade Moderna, especialmente a partir do século XVIII, representa uma corrente de pensamento que enfatiza a primazia da mente, da consciência ou das ideias na constituição da realidade. Diferentemente do materialismo, que coloca a matéria como fundamental, o idealismo sugere que o que percebemos como "realidade" é, em última instância, dependente da nossa mente ou de uma mente universal.
Os idealistas, como George Berkeley e, mais notavelmente, Immanuel Kant, argumentaram que não podemos conhecer as coisas "em si" (como elas são independentemente de nós), mas apenas como elas aparecem para nós, ou seja, como são percebidas e organizadas pela nossa mente. A realidade, portanto, não é algo que simplesmente existe "lá fora" e que nós apenas captamos passivamente; ela é ativamente moldada pelas estruturas da nossa consciência.

O idealismo,[1] particularmente na figura de Immanuel Kant, surgiu como uma tentativa brilhante de superar o impasse entre o Racionalismo e o Empirismo.

8.1 O Problema

a) O Racionalismo (Descartes, Spinoza, Leibniz) afirmava que o conhecimento verdadeiro vem da razão e de ideias inatas, desvalorizando a experiência sensorial. Isso levava a um conhecimento que, embora universal e necessário, muitas vezes parecia desconectado do mundo real.
b) O Empirismo (Locke, Berkeley, Hume) defendia que todo o conhecimento provém da experiência sensorial, com a mente sendo uma "tábula rasa". Isso, no entanto, levava a problemas como o ceticismo de Hume, que questionava a possibilidade de um conhecimento universal e necessário, já que a experiência é sempre particular e contingente.

[1] Em poucas palavras, alguns filósofos modernos são chamados de idealistas porque eles defendem a ideia de que a realidade fundamental é de natureza mental ou espiritual, e não material. Para eles, o que existe de verdade são as ideias, a consciência, a mente ou o espírito, e o mundo material que percebemos seria, de alguma forma, dependente ou uma manifestação dessas realidades mentais.

8.2 A Solução Idealista de Kant

a) Kant propôs uma "revolução copernicana" na filosofia. Ele argumentou que nem o Racionalismo nem o Empirismo estavam completamente certos ou errados. A solução não estava em escolher um ou outro, mas em entender como ambos contribuem para o conhecimento.
b) Para Kant, o conhecimento começa pela experiência (como diziam os empiristas), mas não se limita a ela. A mente humana não é uma tábula rasa (folha em branco); ela possui estruturas inatas (como diziam os racionalistas), que Kant chamou de "formas a priori da sensibilidade" (espaço e tempo) e de "categorias do entendimento" (causalidade, unidade, etc.).
c) Essas estruturas mentais ativamente organizam e dão forma aos dados brutos que recebemos dos sentidos. Assim, não conhecemos as coisas como elas são "em si" (o *númeno*), mas apenas como elas nos aparecem, após serem processadas pela nossa mente (o *fenômeno*).

Exemplo prático: *Quando você vê uma mesa, os dados sensoriais (cor, forma, textura) vêm da experiência. Mas a sua mente organiza esses dados no espaço e no tempo e aplica a categoria de "substância" para entender que aquilo é uma "mesa" e não apenas um amontoado de sensações. Sem as sensações, a mente não teria o que organizar; sem as estruturas da mente, as sensações seriam um caos sem sentido.*

Portanto, o Idealismo de Kant buscou conciliar Racionalismo e Empirismo, mostrando que o conhecimento é uma síntese entre a experiência (que fornece o conteúdo) e a razão (que fornece a forma e a estrutura). Ele argumentou que a mente não é passiva, mas ativa na construção da nossa realidade conhecida, superando as limitações de ambas as correntes anteriores.

9. IMMANUEL KANT

Immanuel Kant (1724-1804) foi um dos filósofos mais influentes da história ocidental, nascido e vivido em Königsberg, na Prússia Oriental (hoje Kaliningrado, Rússia). Sua vida foi marcada por uma rotina extremamente disciplinada e metódica, que se tornou lendária. Kant nunca se casou, nunca viajou para fora de sua cidade natal e dedicou sua vida inteira ao estudo e à escrita. Ele lecionou na Universidade de Königsberg por muitos anos, inicialmente como professor particular e depois como professor titular de lógica e metafísica. Sua obra monumental transformou a filosofia, buscando conciliar as grandes correntes de pensamento de sua época.

9.1 O Método de Kant: A "Revolução Copernicana"

O método de Kant é uma resposta aos impasses do Racionalismo e do Empirismo. Ele propôs uma "revolução copernicana" na filosofia, invertendo a forma como pensamos sobre o conhecimento. Antes de Kant, a maioria dos filósofos acreditava que nosso conhecimento se ajustava aos objetos. Kant sugeriu o contrário: que os objetos devem se ajustar à nossa forma de conhecer. Para ele, os objetos "se ajustam à nossa forma de conhecer" porque a nossa mente impõe suas próprias regras e estruturas sobre o que percebemos, tornando o conhecimento uma construção ativa do sujeito, e não apenas uma cópia passiva da realidade externa.

Seu método envolve uma análise crítica das capacidades e limites da razão humana. Ele pergunta: "O que podemos conhecer?" e "Como conhecemos?". Para Kant, o conhecimento não é uma mera recepção passiva de dados do mundo (como no empirismo) nem uma dedução pura de ideias inatas (como no racionalismo). É uma síntese ativa entre o que vem da experiência e o que a nossa mente já possui.

Como exemplo prático do método, *imagine que você está usando óculos com lentes coloridas. Tudo o que você vê será tingido pela cor das lentes.*[2] *Para Kant, nossa mente é como esses*

[2] Nesse exemplo, "tingido" significa que tudo o que percebemos e experimentamos do mundo é influenciado, modificado ou colorido pelas estruturas inatas da nossa mente, que são as "lentes" de Kant. Assim como uma lente

óculos. Ela possui "lentes" ou estruturas inatas (as formas a priori da sensibilidade, como espaço e tempo, e as categorias do entendimento, como causalidade) que organizam e moldam tudo o que percebemos. Não podemos ver o mundo sem essas "lentes". O método de Kant é analisar essas "lentes" para entender como elas funcionam e o que elas nos permitem conhecer.

9.2 A Teoria de Kant: Idealismo Transcendental

A teoria central de Kant é o Idealismo Transcendental. Ele argumenta que não podemos conhecer as coisas "em si" (o que ele chama de *númeno*), ou seja, como elas são independentemente da nossa experiência. Nós só podemos conhecer as coisas como elas nos aparecem, após serem processadas e organizadas pelas estruturas da nossa mente (o que ele chama de *fenômeno*).

Para Kant, o conhecimento é uma combinação de:

a) *Sensibilidade:* A capacidade de receber impressões dos sentidos. A mente possui formas *a priori* (anteriores à experiência) da sensibilidade: espaço e tempo. Tudo o que percebemos é percebido no espaço e no tempo.
b) *Entendimento:* A capacidade de pensar sobre essas impressões e organizá-las em conceitos. A mente possui categorias *a priori* do entendimento, como causalidade (relação de causa e efeito), substância (o que permanece), unidade, pluralidade, etc.

Exemplo prático da teoria: *Quando você vê uma bola rolando e batendo em outra, fazendo-a mover, a experiência sensorial lhe dá as imagens das bolas e seus movimentos. Mas a sua mente, por meio da categoria de causalidade, entende que a primeira bola causou o movimento da segunda. Essa relação de causa e efeito não está "na" experiência em si, de forma visível, mas sim como sua mente organiza e compreende a experiência. Sem as impressões sensoriais, o entendimento não teria o que pensar; sem as categorias do entendimento, as impressões seriam um caos sem sentido.*

---

colorida altera a cor de tudo o que você vê, as formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e as categorias do entendimento (como causalidade) da nossa mente moldam a maneira como apreendemos a realidade.

9.3 O Imperativo Categórico: A Lei Moral Universal

No campo da moralidade, Kant desenvolveu o conceito do Imperativo Categórico, que é a lei moral fundamental que a razão nos impõe. Ele é "categórico" porque se aplica a todos, em todas as situações, sem exceções, e "imperativo" porque é um comando da razão. Não depende de desejos ou de consequências, mas do dever. Kant formulou o Imperativo Categórico de várias maneiras, mas as três mais conhecidas são:

a) *Primeira Formulação (Fórmula da Universalização):* "Age apenas segundo uma máxima tal que possas, ao mesmo tempo, querer que ela se torne uma lei universal."
    - *Significado:* Antes de agir, pergunte-se: "E se todos fizessem o que estou prestes a fazer? O mundo seria um lugar melhor ou pior? Minha ação ainda faria sentido?" Se a ação não puder ser universalizada sem contradição ou tornar o mundo inviável, ela é moralmente errada.

    Exemplo prático: *Se você pensa em mentir para se livrar de uma situação difícil, pergunte-se: "E se todos mentissem sempre que fosse conveniente?" A mentira perderia seu sentido, pois ninguém acreditaria em ninguém. Portanto, mentir é moralmente errado.*

b) *Segunda Formulação (Fórmula da Humanidade):* "Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio."
    - *Significado:* Trate a si mesmo e aos outros sempre como seres racionais e dignos, com valor intrínseco (um "fim em si mesmos"), e nunca apenas como ferramentas para alcançar seus próprios objetivos.

    Exemplo prático: *Se você usa uma pessoa apenas para obter um benefício financeiro, sem considerar sua dignidade, seus sentimentos ou seus próprios objetivos, você a trata como um meio, e não como um fim em si mesma. Isso seria moralmente errado.*

c) *Terceira Formulação (Fórmula da Autonomia/Reino dos Fins):* "Age de tal maneira que a tua vontade possa considerar-se a si mesma, mediante a sua máxima, como legisladora universal."
    - *Significado:* Aja como se você fosse o legislador de um reino em que todos agem moralmente. Sua vontade deve ser autônoma, ou seja, você deve se dar a lei moral a si mesmo, e não recebê-la de fora.

Exemplo prático: *Ao decidir não roubar, você não o faz por medo da punição, mas porque sua própria razão reconhece que "não roubar" é uma lei que você imporia a si mesmo e a todos os outros em uma sociedade ideal.*

9.4 Pensamento sobre Deus, Liberdade e Imortalidade

Kant argumentou que Deus, a liberdade e a imortalidade da alma não podem ser provados pela razão teórica (científica ou metafísica), pois estão além da nossa experiência possível. Eles são *númenos*, coisas em si, que nossa mente não pode acessar diretamente.

No entanto, Kant não os descartou. Ele os colocou no campo da razão prática, ou seja, da moralidade. Para Kant, Deus, a liberdade e a imortalidade são postulados da razão prática: não podemos prová-los, mas precisamos aceitá-los como verdadeiros para que a moralidade faça sentido.

- *Liberdade:* Para que possamos ser responsáveis por nossas ações morais, precisamos ser livres para escolher. Se não houvesse liberdade, não haveria mérito nem culpa moral.
- *Imortalidade da Alma:* A busca pela perfeição moral é um processo infinito. Como não podemos alcançá-la plenamente nesta vida, a razão postula a imortalidade da alma para que tenhamos tempo suficiente para atingir essa perfeição.
- *Deus:* A razão postula a existência de Deus como o que garante que a virtude será recompensada com a felicidade e que há uma ordem moral no universo que, em última instância, faz justiça.

Assim, para Kant, não podemos *saber* que Deus existe no sentido científico, mas devemos *acreditar* em Deus por razões morais. A fé em Deus, a liberdade e a imortalidade são condições necessárias à moralidade e à esperança de um mundo justo.

10. VOLTAIRE

François-Marie Arouet (1694-1778), mais conhecido pelo pseudônimo de Voltaire, foi um dos mais influentes filósofos e escritores do Iluminismo francês. Nascido em Paris, ele recebeu uma educação jesuíta, mas logo se tornou um crítico ferrenho da Igreja e da monarquia absolutista. Sua vida foi marcada por exílios, prisões e uma incansável luta pela liberdade de expressão, tolerância religiosa e justiça social. Voltaire passou anos na Inglaterra, onde foi profundamente influenciado pelas ideias de John Locke e Isaac Newton, e manteve correspondência com os maiores intelectuais de sua época. Ele foi um prolífico autor de peças de teatro, poemas, ensaios filosóficos e obras históricas, usando a sátira e a ironia como armas contra a intolerância e o fanatismo.

10.1 O Método de Voltaire: A Razão Crítica e o Bom Senso

O método de Voltaire não é um sistema filosófico formal como o de Descartes ou Kant, mas sim uma abordagem prática e crítica baseada na razão, no bom senso e na observação. Ele não buscava construir um sistema metafísico complexo, mas sim aplicar a razão para desmascarar a superstição, a intolerância e a tirania. Seu método era o da crítica mordaz, da argumentação clara e da defesa apaixonada dos direitos humanos.

Ele valorizava:

a) ***A Razão:*** Como a ferramenta principal para analisar o mundo, a sociedade e as crenças, distinguindo o que é lógico e útil do que é irracional e prejudicial.
b) ***A Experiência e a Observação:*** Embora não fosse um empirista no sentido estrito de Locke ou Hume, Voltaire valorizava a observação dos fatos e a experiência histórica para fundamentar suas críticas e propostas.

c) ***A Tolerância:*** Acreditava que a diversidade de opiniões e crenças era natural e que a imposição de uma única verdade levava à violência e à opressão.
d) ***A Liberdade:*** Defendia a liberdade de pensamento, de expressão e de religião como pilares de uma sociedade justa.

Como exemplo prático do método, *imagine uma situação em que uma pessoa é perseguida e condenada por suas crenças religiosas, diferentes das da maioria.*

- *Voltaire aplicaria a razão: Ele questionaria a lógica de punir alguém por algo que não prejudica ninguém e que é uma questão de consciência individual.*
- *Ele usaria a observação histórica: Apontaria para os inúmeros conflitos e massacres causados pela intolerância religiosa ao longo da história, mostrando que a imposição de uma fé nunca trouxe paz duradoura.*[3]
- *Ele defenderia a tolerância: Argumentaria que a sociedade se beneficia da coexistência pacífica de diferentes crenças, e que a verdadeira fé não precisa de coerção.*

Seu método seria o de escrever um ensaio ou uma carta aberta, usando argumentos lógicos e exemplos históricos para expor a injustiça e defender a liberdade do indivíduo.

10.2 A Teoria de Voltaire: Pragmatismo e Iluminismo Social

A "teoria" de Voltaire é mais um conjunto de princípios e valores para a vida social e política do que um sistema metafísico. Ele era um pragmatista,[4] interessado em como as ideias afetam a vida das pessoas.

[3] Geralmente, este pensamento é utilizado de maneira simplista para atacar as Cruzadas e a Inquisição Católica. Trataremos deste assunto no Módulo 3, ao estudarmos a história da Igreja.

[4] Um pragmático é alguém que prioriza a praticidade, a eficácia e os resultados concretos em suas ações e pensamentos. Em vez de se apegar a teorias abstratas, ideologias rígidas ou princípios morais absolutos, o pragmático busca soluções que funcionem na realidade, adaptando-se às circunstâncias e avaliando a verdade ou o valor de uma ideia pela sua utilidade e pelas suas consequências práticas. Para um pragmático, o que importa é o que funciona e produz efeitos desejáveis.

Seus principais pontos eram:

a) ***Combate ao Fanatismo e à Superstição:*** Ele via a Igreja Católica de sua época como uma instituição que frequentemente promovia a intolerância e o obscurantismo, e lutou contra o que considerava seus abusos de poder.
b) ***Defesa da Justiça e dos Direitos Civis:*** Voltaire foi um defensor incansável de causas como a abolição da tortura, a reforma do sistema judicial e a igualdade perante a lei.
c) ***Monarquia Esclarecida:*** Embora crítico do absolutismo, ele via com bons olhos a ideia de um monarca que governasse com base na razão e no bem-estar de seus súditos, promovendo reformas iluministas.

10.3 Pensamento sobre Deus: O Deísmo

Voltaire não era ateu, mas um fervoroso deísta. Ele acreditava na existência de Deus, mas de uma forma muito diferente da visão tradicional das religiões reveladas.

Para Voltaire:

a) ***Deus é o Grande Arquiteto do Universo:*** Ele via Deus como um criador inteligente que projetou o universo e suas leis naturais (como as leis da física de Newton), mas que não interfere nos assuntos humanos após a criação. É como um relojoeiro que constrói um relógio perfeito e o deixa funcionar por si mesmo.
b) ***Rejeição da Revelação e dos Dogmas:*** Voltaire criticava os milagres, as profecias e os dogmas específicos das religiões (cristianismo, judaísmo, islamismo), considerando-os produtos da superstição e da ignorância humana, que levavam à intolerância.
c) ***Religião Natural:*** Ele defendia uma "religião natural" baseada na razão e na moralidade universal, acessível a todos os seres humanos, independentemente de sua cultura ou fé específica. Essa religião implicava a crença em um Deus criador e na imortalidade da alma, com a ideia de que seremos recompensados ou punidos por nossas ações.
d) ***Necessidade de Deus para a Moralidade:*** Embora crítico das instituições religiosas, Voltaire acreditava que a ideia de Deus era necessária para manter a ordem moral na sociedade. A famosa frase atribuída a ele, "Se Deus não existisse, seria preciso

inventá-lo", reflete essa convicção de que a crença em um ser supremo que julga as ações humanas é um freio importante contra a imoralidade e o caos social.

Em suma, Voltaire foi um defensor apaixonado da razão, da tolerância e da liberdade, usando seu intelecto afiado para combater a injustiça e o fanatismo, e defendendo um Deus que é o arquiteto racional do universo, mas que não se revela através de dogmas ou milagres.

11. JEAN-JACQUES ROUSSEAU: VIDA, MÉTODO, TEORIA E PENSAMENTO SOBRE DEUS

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo, escritor, teórico político e compositor genebrino (hoje Suíça), uma das figuras mais complexas e influentes do Iluminismo. Nascido em Genebra, sua vida foi marcada por uma infância difícil, abandono e uma existência errante, o que o levou a desenvolver uma visão crítica da sociedade e da civilização. Ao contrário de muitos iluministas que celebravam o progresso da razão, Rousseau questionava os efeitos da civilização sobre a natureza humana. Suas ideias sobre a educação, a soberania popular e a vontade geral tiveram um impacto revolucionário na Revolução Francesa e no desenvolvimento do pensamento político moderno.

11.1 O Método de Rousseau: A Introspecção e a Crítica Social

O método de Rousseau não é um sistema lógico-dedutivo como o de Descartes ou Spinoza, nem uma análise empírica rigorosa como a de Locke ou Hume. Ele se baseia fortemente na introspecção, na observação da natureza humana e na crítica radical das instituições sociais de sua época. Rousseau buscava entender a essência do ser humano antes da corrupção da sociedade.

Seu método envolve:

a) ***A Hipótese do "Estado de Natureza":*** Para entender o homem, Rousseau propõe imaginar como ele seria antes da sociedade, em um "estado de natureza". Isso não é

uma descrição histórica, mas um experimento mental para isolar o que é natural no homem do que é artificialmente imposto pela civilização.

b) ***A Crítica à Civilização:*** A partir dessa hipótese, ele analisa como a sociedade, a propriedade privada e as instituições corromperam a bondade natural do homem, gerando desigualdade, egoísmo e infelicidade.

c) ***A Busca por uma Sociedade Justa:*** Ele então propõe um modelo de sociedade (baseado no Contrato Social) que possa restaurar a liberdade e a igualdade, permitindo que o homem viva em harmonia consigo mesmo e com os outros.

Como exemplo prático do método, *imagine uma criança pequena. Rousseau observaria que ela nasce com uma bondade natural, uma empatia básica e sem vícios.*

- *Introspecção/Observação: Ele notaria que a criança não é naturalmente egoísta ou vaidosa, mas aprende esses comportamentos ao interagir com um mundo que valoriza a competição e a aparência.*
- *Crítica Social: Ele argumentaria que a educação tradicional e a sociedade em geral, ao invés de nutrir a bondade natural, impõem regras e expectativas que desviam a criança de sua essência, tornando-a artificial e infeliz.*
- *Proposta de Solução: Em sua obra Emílio, ele propõe uma educação que respeite o desenvolvimento natural da criança, protegendo-a das influências corruptoras da sociedade até que sua razão esteja madura para lidar com elas.*

11.2 A Teoria de Rousseau: A Bondade Natural do Homem e o Contrato Social

A teoria de Rousseau é centrada na ideia de que o homem é naturalmente bom, mas é corrompido pela sociedade.

a) ***O "Bom Selvagem":*** No estado de natureza, o homem seria livre, autossuficiente e guiado pelo "amor de si" (um instinto de autopreservação saudável) e pela "piedade" (empatia pelos outros). A desigualdade e a maldade surgem com a propriedade privada e a vida em sociedade.

b) ***O Contrato Social:*** Para restaurar a liberdade e a igualdade, os homens devem formar um "contrato social", onde cada indivíduo entrega sua liberdade natural em troca de uma liberdade civil e moral. Nesse contrato, a soberania pertence ao povo, e as leis devem expressar a Vontade Geral.
c) ***A Vontade Geral:*** Não é a soma das vontades individuais, mas a vontade que visa o bem comum de toda a comunidade. Obedecer à Vontade Geral é obedecer a si mesmo, pois cada um é parte do corpo político que a expressa.

11.3 Pensamento sobre Deus: A Religião Civil e o Sentimento Interior

Rousseau, como Voltaire, não era ateu, mas seu pensamento sobre Deus era complexo e se afastava dos dogmas religiosos tradicionais. Ele defendia uma forma de deísmo baseada no sentimento e na razão, e propôs a ideia de uma "religião civil".

a) *Deus como Causa Primeira e Inteligência Suprema:* Rousseau acreditava em um Deus criador, uma inteligência suprema que ordenou o universo. Ele via a ordem e a beleza da natureza como evidências da existência desse Deus. Essa crença era mais uma questão de sentimento interior e intuição do que de provas lógicas complexas.
b) *Rejeição dos Dogmas e da Revelação:* Ele criticava os dogmas específicos das religiões organizadas e a ideia de revelação divina, que, para ele, eram fontes de intolerância e conflito. A verdadeira religião seria universal e acessível a todos pela razão e pelo coração.
c) *A Religião Civil:* Em *Do Contrato Social*, Rousseau propõe a necessidade de uma "religião civil" para fortalecer os laços sociais e a moralidade pública. Esta religião não teria dogmas teológicos complexos, mas sim alguns artigos de fé simples e essenciais para a vida em sociedade: a existência de uma divindade poderosa, inteligente, benfazeja, previdente e providente; a vida futura; a felicidade dos justos; o castigo dos maus; e a santidade do contrato social e das leis. A intolerância religiosa seria condenada, exceto para aqueles que não aceitassem os dogmas da religião civil, pois seriam considerados antissociais.

Em suma, Rousseau foi um crítico da civilização que defendia a bondade natural do homem e propunha uma sociedade baseada na Vontade Geral. Sua visão de Deus era deísta, baseada na razão e no sentimento, e ele via a religião como um elemento fundamental para a coesão moral e social, através de uma "religião civil" com dogmas mínimos e essenciais.

12. JOSEPH DE MAISTRE: VIDA, MÉTODO, TEORIA E PENSAMENTO SOBRE DEUS

Joseph-Marie, Conde de Maistre (1753-1821), foi um filósofo, escritor, diplomata e jurista saboiano (do Ducado de Saboia, que hoje faz parte da França e da Itália). Nascido em Chambéry, ele veio de uma família aristocrática e recebeu uma educação jesuíta. Sua vida foi profundamente marcada pela Revolução Francesa, que ele testemunhou e à qual se opôs veementemente. De Maistre foi um dos principais teóricos da Contrarrevolução, defendendo a monarquia absoluta, a autoridade da Igreja Católica e a ordem tradicional. Ele serviu como diplomata para o Reino da Sardenha (ao qual Saboia pertencia) em São Petersburgo, na Rússia, por muitos anos, onde escreveu grande parte de suas obras.

12.1 O Método de De Maistre: A Crítica Radical e a Revelação Divina

O método de De Maistre é uma antítese direta ao Iluminismo e à Revolução Francesa. Ele não confiava na razão individual para construir a sociedade ou a moralidade, mas sim na tradição, na autoridade e na revelação divina. Seu método é caracterizado por uma crítica radical às ideias de progresso, igualdade e liberdade individual, que ele via como as raízes da desordem e do caos.

Seu método envolve:

a) ***Rejeição da Razão Individualista:*** De Maistre argumentava que a razão humana, quando deixada por si só, é falha e leva ao erro e à anarquia. Ele criticava a ideia iluminista de que os homens poderiam criar constituições e leis a partir do zero, sem base na experiência histórica ou na autoridade divina.

b) ***Valorização da Tradição e da História:*** Para ele, a verdadeira sabedoria reside na tradição acumulada ao longo dos séculos e nas instituições que foram testadas pelo tempo. A história é a manifestação da providência divina.

c) **Defesa da Autoridade:** A ordem social e política depende de uma autoridade forte e inquestionável, seja a do monarca ou a do Papa. A obediência é vista como uma virtude essencial.

d) ***A Revelação Divina como Guia:*** De Maistre acreditava que a verdade última não é descoberta pela razão, mas revelada por Deus. A Igreja Católica, como guardiã dessa revelação, tem um papel central na orientação da sociedade.

Como exemplo prático do método, *imagine a tentativa de criar uma nova constituição para um país, baseada apenas em princípios abstratos de "direitos humanos" e "liberdade" (como na Revolução Francesa).*

- *De Maistre aplicaria sua crítica radical: Ele argumentaria que tais constituições, escritas por homens, são frágeis e destinadas ao fracasso porque não se baseiam na experiência histórica, na tradição ou na vontade divina.*
- *Ele valorizaria a tradição: Apontaria para as monarquias e instituições estabelecidas ao longo dos séculos, que, apesar de suas falhas, haviam proporcionado estabilidade e ordem.*
- *Ele defenderia a autoridade: Argumentaria que a legitimidade de um governo não vem do "povo" (que ele via como inconstante), mas de Deus, e que a obediência a essa autoridade é fundamental para evitar o caos.*
- *Seu método seria o de demonstrar, através de argumentos históricos e teológicos, que a tentativa de construir uma sociedade puramente racional e secular leva inevitavelmente à violência e à tirania, e que a única solução é o retorno à ordem tradicional e à autoridade religiosa.*

12.2 A Teoria de De Maistre: A Ordem Divina e a Necessidade do Sofrimento

A teoria de De Maistre é uma defesa apaixonada da ordem divina e da necessidade de uma hierarquia social e religiosa.

a) ***A Ordem Divina:*** O universo e a sociedade são governados por leis divinas. A desordem e o mal surgem quando os homens tentam subverter essa ordem natural e divina com suas ideias revolucionárias.
b) ***A Soberania e a Infalibilidade:*** Ele defendia a soberania absoluta do monarca e, mais tarde, a infalibilidade papal como pilares da ordem. Acreditava que uma autoridade final e inquestionável era essencial para evitar a fragmentação e o caos.
c) ***A Necessidade do Sofrimento e do Carrasco:*** De Maistre tinha uma visão sombria da natureza humana, marcada pelo pecado original. Ele via o sofrimento, a guerra e até mesmo a figura do carrasco (o executor da justiça) como instrumentos da providência divina para purificar a humanidade e manter a ordem. O mal e a punição são necessários para a redenção e para lembrar os homens de sua dependência de Deus.

12.3 Pensamento sobre Deus: O Deus Providente e a Autoridade da Igreja

O pensamento de De Maistre sobre Deus é profundamente católico e teocrático. Ele acreditava em um Deus ativo e providente que governa o mundo e a história, e via a Igreja Católica como a instituição divinamente estabelecida para guiar a humanidade.

a) ***Deus como Governante Ativo:*** Diferente do deísmo de Voltaire, que via Deus como um relojoeiro distante, De Maistre acreditava em um Deus Pessoal que intervém na história, que pune e recompensa, e que tem um plano para a humanidade.
b) ***A Igreja Católica como Autoridade Suprema:*** Para ele, a Igreja Católica, fundada por Cristo, com o Papa como seu chefe infalível, é a única guardiã da verdade revelada e a única instituição capaz de fornecer a base moral e espiritual para uma sociedade estável. A autoridade religiosa é superior à autoridade civil.
c) ***Rejeição da Reforma Protestante e do Iluminismo:*** De Maistre via a Reforma Protestante e o Iluminismo como os principais responsáveis pela desintegração da

unidade cristã e pela ascensão do individualismo e do ceticismo, que culminaram na Revolução Francesa e em seus horrores. Ele defendia um retorno à unidade e à autoridade da Igreja Romana.

Em suma, Joseph de Maistre foi um pensador contrarrevolucionário que rejeitou a razão individualista do Iluminismo em favor da tradição, da autoridade e da revelação divina. Ele defendia um Deus providente que governa a história e a sociedade, e via a Igreja Católica como a única fonte de verdade e ordem para a humanidade, argumentando que o sofrimento e a punição são instrumentos divinos para manter a ordem e purificar o homem.

CONCLUSÃO SOBRE A FILOSOFIA MODERNA: RACIONALISMO, EMPIRISMO E O DESPERTAR DA RAZÃO

A Filosofia Moderna, que floresceu entre os séculos XVII e XIX, representa uma ruptura significativa com o pensamento medieval, deslocando o foco de Deus e da Revelação para a razão humana e a busca pelo conhecimento certo. Nesse período, o grande debate girou em torno de como o ser humano pode conhecer a verdade. De um lado, o Racionalismo, com figuras como René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Wilhelm Leibniz, defendia que a razão é a fonte primária do conhecimento. Descartes, o "pai da filosofia moderna", buscou um fundamento indubitável na certeza do "Penso, logo existo", e, embora católico, tentou provar a existência de Deus pela razão. Spinoza, por sua vez, propôs um monismo panteísta, identificando Deus com a própria Natureza e suas leis necessárias, enquanto Leibniz concebeu um universo de "mônadas" espirituais em harmonia pré-estabelecida por um Deus que criou o "melhor dos mundos possíveis".

Em contrapartida, o Empirismo, representado por John Locke e David Hume, argumentava que toda a verdade deriva da experiência sensorial. Locke via a mente como uma "tábula rasa" ao nascer, preenchida pelas sensações e reflexões, e, embora empirista, defendia a possibilidade de provar a existência de Deus pela razão a partir da experiência. Hume, levando o empirismo às últimas consequências, desenvolveu um ceticismo profundo, questionando a causalidade e a

capacidade da razão de provar a existência de Deus, sugerindo que a crença religiosa é mais uma questão de fé ou hábito.

O impasse entre essas duas correntes foi brilhantemente abordado pelo Idealismo de Immanuel Kant. Ele propôs uma "revolução copernicana", afirmando que o conhecimento é uma síntese entre a experiência (que fornece o conteúdo) e as estruturas inatas da mente (que fornecem a forma). Para Kant, não conhecemos as coisas "em si", mas como elas nos aparecem, processadas pela nossa razão. No campo moral, ele formulou o Imperativo Categórico, uma lei universal baseada no dever. Embora não pudesse provar a existência de Deus pela razão teórica, Kant postulou a Deus, a liberdade e a imortalidade como condições necessárias para que a moralidade fizesse sentido.

Paralelamente ao Idealismo, o Iluminismo, com figuras como Voltaire e Jean-Jacques Rousseau, promoveu a razão crítica, a tolerância e a liberdade. Voltaire, um deísta, via Deus como o "Grande Arquiteto" que não interfere no mundo, enquanto Rousseau defendia a bondade natural do homem e uma "religião civil" para a coesão social. Em oposição a essas ideias, Joseph de Maistre representou a Contrarrevolução, defendendo a autoridade divina, a tradição e a Igreja Católica como pilares da ordem, em um Deus providente que governa ativamente a história.

10 Perguntas e Respostas sobre a Filosofia Moderna

1. ***Qual a principal característica da Filosofia Moderna e quais as duas grandes correntes que a marcaram?***

    - A Filosofia Moderna, que se estende aproximadamente do século XVII ao XIX, marca uma grande virada no pensamento ocidental, afastando-se das preocupações medievais e focando na razão humana, no conhecimento e na ciência. As três grandes correntes que a marcaram, buscando responder à questão fundamental de como conhecemos a verdade, foram o Racionalismo (que confia na razão e em ideias inatas), o Empirismo (que se baseia na experiência sensorial) e o Idealismo (que, com Kant, buscou conciliar os dois primeiros, enfatizando o papel ativo da mente na construção do conhecimento).

2. ***Qual a principal contribuição de René Descartes e como ele provava a existência de Deus?***

    - René Descartes, o "pai da filosofia moderna", contribuiu com o Racionalismo e o Método Cartesiano (dúvida metódica, análise, síntese, enumeração), buscando um conhecimento certo e indubitável a partir do "Penso, logo existo". Ele provava a existência de Deus pela razão, argumentando que a ideia de um ser perfeito (Deus) é inata à nossa mente e, como a existência é uma perfeição, um ser perfeito deve necessariamente existir, sendo a garantia da verdade e da clareza de nossas ideias.

3. ***Qual a teoria central de Baruch Spinoza e como ele concebia Deus?***

    - A teoria central de Baruch Spinoza é o Monismo da Substância, que afirma a existência de uma única substância em todo o universo, identificada com Deus ou a Natureza (Deus sive Natura). Para ele, Deus não é um ser transcendente, mas a própria totalidade imanente de tudo o que existe, e tudo o que vemos e

pensamos são apenas "modos" ou "modificações" dessa substância divina. A liberdade humana reside na compreensão dessa ordem necessária.

4. ***Como Gottfried Wilhelm Leibniz explicava a realidade e a existência do mal?***

    - Gottfried Wilhelm Leibniz propôs que a realidade é composta por infinitas substâncias simples e indivisíveis chamadas Mônadas, que são "átomos espirituais" e "espelhos do universo", refletindo-o de sua própria perspectiva. As mônadas não interagem causalmente, mas estão perfeitamente coordenadas por uma Harmonia Pré-Estabelecida por Deus. Ele explicava a existência do mal através da Teodiceia, afirmando que vivemos no "melhor dos mundos possíveis", onde os males são permitidos por Deus porque são necessários à existência de bens maiores ou à perfeição geral do todo.

5. ***Qual a principal ideia de John Locke sobre o conhecimento e sua visão sobre Deus?***

    - John Locke, o "pai do liberalismo" e um dos fundadores do Empirismo, defendia que a mente humana é uma "tábula rasa" ao nascer, e todo o nosso conhecimento é adquirido através da experiência (sensação e reflexão). Ele distinguia entre qualidades primárias (objetivas) e secundárias (subjetivas) dos objetos. Embora empirista, Locke acreditava na existência de Deus, que podia ser demonstrada pela razão através de um argumento cosmológico: a reflexão sobre nossa existência e a do mundo aponta para uma causa primeira eterna e poderosa, que é Deus.

6. ***Qual o método de David Hume e suas conclusões céticas sobre a causalidade e Deus?***

    - O método de David Hume, uma extensão radical do empirismo, baseia-se na análise das impressões (percepções vívidas) e ideias (cópias fracas das impressões). Ele desenvolveu um ceticismo profundo, argumentando que não podemos ter conhecimento certo sobre a causalidade (pois só observamos a sucessão constante de eventos, não a conexão necessária) nem sobre a existência de entidades metafísicas. Em relação a Deus, Hume criticou os

argumentos racionais (cosmológico, teleológico), concluindo que a razão humana é incapaz de provar Sua existência, sendo a crença mais uma questão de fé, emoção ou hábito.

7. ***Como Immanuel Kant buscou conciliar Racionalismo e Empirismo, e qual a base de sua moralidade?***

    - Immanuel Kant propôs uma "revolução copernicana" na filosofia, conciliando Racionalismo e Empirismo através do Idealismo Transcendental. Ele argumentou que o conhecimento é uma síntese entre a experiência (conteúdo) e as estruturas inatas da mente (formas a priori da sensibilidade como espaço e tempo, e categorias do entendimento como causalidade). Assim, conhecemos as coisas como elas nos aparecem (fenômeno), não como são "em si" (númeno). A base de sua moralidade é o Imperativo Categórico, uma lei universal que a razão nos impõe, formulada, por exemplo, como "Age apenas segundo uma máxima tal que possas, ao mesmo tempo, querer que ela se torne uma lei universal."

8. ***Qual o pensamento de Immanuel Kant sobre Deus, Liberdade e Imortalidade?***

    - Para Kant, Deus, a liberdade e a imortalidade da alma não podem ser provados pela razão teórica (científica ou metafísica), pois estão além da nossa experiência possível (são númenos). No entanto, ele os considerou postulados da razão prática, ou seja, verdades que não podemos provar, mas que precisamos aceitar como verdadeiras para que a moralidade faça sentido. A liberdade é necessária para a responsabilidade moral; a imortalidade da alma, para a busca infinita da perfeição moral; e Deus, para garantir que a virtude seja recompensada com a felicidade e que haja uma ordem moral no universo.

9. ***Qual a visão de Voltaire sobre Deus e qual a principal ideia de Jean-Jacques Rousseau sobre a sociedade?***

    - Voltaire era um fervoroso deísta, acreditando em Deus como o "Grande Arquiteto do Universo" que projetou as leis naturais, mas que não interferiam nos assuntos humanos após a criação. Ele rejeitava a revelação e os dogmas em favor de uma "religião natural" baseada na razão e na moralidade universal. Jean-Jacques Rousseau, por sua vez, defendia a bondade natural do homem, corrompida pela sociedade e pela propriedade privada. Ele propôs o Contrato Social como forma de restaurar a liberdade e a igualdade, onde a soberania pertence ao povo e as leis expressam a Vontade Geral, visando o bem comum.

10. ***Qual a principal crítica de Joseph de Maistre ao Iluminismo e qual sua defesa da autoridade?***

    - Joseph de Maistre foi um dos principais teóricos da Contrarrevolução, criticando radicalmente o Iluminismo e a Revolução Francesa por sua confiança na razão individualista, que ele via como falha e causadora de desordem. Ele defendia que a verdadeira sabedoria reside na tradição, na autoridade e na revelação divina. De Maistre acreditava em um Deus providente que governa ativamente o mundo e a história, e via a Igreja Católica, com a infalibilidade papal, como a única guardiã da verdade e a instituição divinamente estabelecida para fornecer a base moral e espiritual para uma sociedade estável, com a autoridade religiosa superior à civil.

Referências Bibliográficas

- DE MAISTRE, Joseph. Considerações sobre a França. Tradução de Ricardo V. F. da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

- DE MAISTRE, Joseph. Do Papa. Tradução de Ricardo V. F. da Silva. São Paulo: É Realizações, 2012.
- DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Martins Fontes.
- HUME, David. Investigação sobre o Entendimento Humano. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- HUME, David. Tratado da Natureza Humana. Tradução de Serafim da Silva Fontes. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2008.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. Teodiceia. Tradução de J. P. Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LOCKE, John. Ensaio sobre o Entendimento Humano. Tradução de Eduardo Abranches de Soveral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- PASCAL, Blaise. Pensamentos. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Fontes.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio, ou Da Educação. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SPINOZA, Baruch. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- VOLTAIRE. Cândido ou O Otimismo. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- VOLTAIRE. Dicionário Filosófico. Tradução de C. E. de S. S. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).